

Enfrentando novos tempos

A primeira metade do séc. XX foi marcada por grandes eventos de ordem mundial como as Duas Grandes Guerras, o nascimento da União Soviética, a ascensão dos EUA, depressões econômicas no Ocidente. Na igreja, outros eventos importantes aconteceram que mudariam o rosto da cristandade, como o movimento ecumênico, o embate entre a teologia liberal e seus oponentes – a Neo-ortodoxia na Europa e o fundamentalismo nos EUA – o pentecostalismo o surgimento do evangelicalismo. De fato todos esses movimentos e eventos foram se somando para compor o quadro complexo da segunda metade do século que vamos explorar agora.¹

As Duas Grandes Guerras e a grande decepção com as promessas otimistas de um futuro brilhante da modernidade levaram a uma cadeia de rearranjos culturais que teria desencadeado a chamada Pós-Modernidade. Os primeiros traços da Pós-Modernidade começaram a se delinear nas décadas de 50 e 60 e surgem como um questionamento de quase tudo que era enfatizado pela modernidade: ao invés de uma busca pela verdade o relativismo cultural, ao invés da unificação o pluralismo que se reflete tanto na religiosidade quanto na busca pela diversidade em todas as suas formas, ao invés da busca de uma metanarrativa (uma história unificada sobre a vida e o mundo) a morte de toda metanarrativa, a busca da ciência passou de “o que é verdadeiro?” para “o que é eficiente? O que podemos vender?”.²

O resultado é que somos cristãos vivendo em um mundo pós cristão, como destaca Tim Keller no seu livro “Center Church”. Keller afirma que em um passado recente as instituições e a cultura em geral do Ocidente estavam sob profunda influência dos valores e da ética judaico cristã, de forma que a maioria das pessoas “criam em um Deus pessoal, na existência do céu e do inferno, e no conceito de moral e julgamento e geralmente tinham um conhecimento básico da ética cristã”.³ Contudo, isso mudou e quanto mais avança a chamada Pós-Modernidade ou Modernidade Tardia mais fica claro que a cultura ocidental está se tornando divergente da fé cristã!⁴ O Ocidente não está mais alinhado com as ideias do pensamento judaico-cristão. Isto tem levado a igreja a um debate intenso sobre sua relação com a cultura, pois cada vez mais a cultura e a sociedade laica como um todo apontam direções que confrontam os valores cristãos mais básicos.⁵

A segunda metade do século também foi marcada por um intenso processo de rejeição do neo-colonialismo europeu e norte-americano em praticamente todo o globo. Tendo em vista que fora a rede criada pelo neo-colonialismo que levou o mundo a experimentar suas mais horrendas guerras, forças nacionalistas se ergueram ao longo do globo com o fim de extirpar o domínio estrangeiro. Um caso emblemático foi a militância preconizada por Mohandas “Mahatma” Gandhi (1869-1948) na Índia com seu movimento de resistência pacífica contra o domínio inglês que levou a libertação da Índia.

Ao mesmo tempo em que uma agenda anticolonialista se estabelecia em um modelo de uma luta dos fracos contra os fortes, dentro das potências ocidentais começou a nascer cada vez mais um movimento pelos direitos das minorias: os grupos que haviam sido oprimidos durante muito tempo e que agora reivindicavam seus direitos. Podemos citar alguns movimentos: a luta pelos direitos das mulheres incluindo o voto e a participação digna no mercado de trabalho; a luta dos afro-americanos contra a segregação entre negros e brancos e pela conquista de direitos civis e igualdade preconizada tanto por Martin Luther King Jr. (1929-1968) nos EUA quanto por Nelson Mandela (1918-2013) na África do Sul; a militância por igualdade para pessoas de orientação homossexual e posteriormente estendida para outras manifestações de opção sexual marcada pela militância da “Ideologia de Gênero”.

Um resultado dessas militâncias para a igreja foi o intenso debate a respeito do lugar e ação da mulher dentro das comunidades cristãs, pois aparentemente as mulheres estavam ganhando espaços e respeito na sociedade como um todo mais em muitas denominações a situação não parecia mudar: “Seja o comissionamento de missionárias solteiras (tema controverso tanto no mundo católico quanto no protestante), a ordenação de mulheres para o ofício pastoral (objeto de acerbas discussões no Ocidente no final do século XX) ou os novos papéis sociais e econômicos abertos às mulheres nas sociedades ocidentais (o que tem gerado intensa discussão sobre “valores familiares”), a atenção dada às atividades cristãs públicas exercidas pelas mulheres foi uma fonte de tensão e esperança ao longo do século”.⁶

Praticamente todos esses movimentos marcantes da sociedade do séc. XX – a Pós-Modernidade, o anticolonialismo, os movimentos de minorias e o comunismo – foram marcados por um tom profundamente anti-cristão. Talvez em grande parte devido ao fato do discurso cristão ter sido utilizado para validar o neo-colonialismo, o nazismo, o

¹ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.495-578; FERREIRA, Franklin. *A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p.285-310

² GRENZ, Stanley J. *Pós-Modernismo: Um guia para entender a filosofia de nosso tempo*. São Paulo: Vida Nova, 2008, p.33

³ KELLER, Timothy. *Center Church*. Grand Rapids: Zondervan, 2012, p.182

⁴ KELLER, Timothy. *Center Church*. Grand Rapids: Zondervan, 2012, p.182

⁵ CARSON, D.A. *Cristo & Cultura: Uma releitura*. São Paulo: Vida Nova, 2012.

⁶ NOLL, Mark A. *Turning points: Decisive Moments in the History of Christianity – 2nd Edition*. Grand Rapids: Baker Academic, 2001, p.295

machismo, a segregação racial, a homofobia e o capitalismo voraz o resultado é que criou-se em muitas mentes de que havia uma ligação fatal entre a fé cristã e sistemas de pensamento e prática opressores. Um resultado prático é que houve uma grande retração da fé cristã na Europa: “No início do séc. XX cerca de 70% da população mundial vivia na Europa, esse total caiu pra 28% no final do mesmo século. Atualmente, a América Latina e a África juntas contam hoje com cerca de 40% dos cristãos do mundo”.⁷ Outro resultado prático foram movimentos teológicos chamados “Radicais” que surgiram como um eco do novo tempo, como a “Teologia da Morte de Deus”, a “Teologia Negra” e outros.

O final do séc. XX e início do séc. XXI foi marcado pela queda do comunismo e o fim da Guerra Fria, o nascimento da União Europeia, o crescimento do islamismo e do radicalismo terrorista no Oriente e na África, o surgimento da Internet e todos os seus desdobramentos. Novamente a igreja de Jesus Cristo é chamada a compreender o seu tempo e servir os propósitos de Deus em sua geração (At 13.36).

Novos tempos no Brasil

O protestantismo cresceu no Brasil de forma constante no séc. XX, mesmo diante das convulsões sociais que ocorreram ao longo de todo o país na passagem do séc. XIX para o séc XX, como a Revolta Armada (1891-1893), a Revolução Federalista (1893-1895) e a Revolta Paulista (1924) apenas para citar algumas. Em 1903 havia cerca de 88 mil protestantes no país que congregavam nas igrejas plantadas pelos missionários em sua maioria norte-americanos que traziam as tendências pietistas e conservadoras da tradição norte-americana influenciada pelos grandes avivamentos.⁸

Logo que o número de cristãos protestantes brasileiros começou a crescer exponencialmente e multiplicaram-se os ministros brasileiros ordenados nas diversas denominações, muitas vezes se manifestaram tensões entre o desejo de uma igreja de brasileiros recebendo direções de brasileiros e não mais das instituições em grande parte norte-americanas que haviam enviado seus missionários. Essas tensões levaram a movimentos de separação por vezes bruscas, como ocorreu no chamado “Grande Cisma” da Igreja Presbiteriana em 1903 e a chamada “Questão Radical” entre os batistas em 1925 e a nacionalização da Igreja Metodista em 1930.

Antônio Gouvêa Mendonça estratifica a história do protestantismo brasileiro da seguinte maneira: período de implantação do protestantismo no Brasil (1824-1916); desenvolvimento do projeto de cooperação e chegada de novas teologias (1916-1952); convulsões nacionais, ensaio de politização do protestantismo e impacto do pentecostalismo (1952-1962); período de repressão no interior do protestantismo, da revolução neopentecostal, fortalecimento do denominacionismo e o isolacionismo das igrejas (1962 a 1983).⁹

O período de implantação foi coberto em seções anteriores (Aulas 22 e 23). O período de cooperação (1916-1952) teve como marco inicial o Congresso da Obra Cristã na América Latina em 1916, no Panamá. Quem preparou o documento que resumia o pensamento do Congresso foi o pastor presbiteriano Erasmo Braga (1877-1932), que publicou em Nova York em 1916 o texto “Panamericanismo, Aspecto Religioso”. O resultado foi o nascimento de um espírito de cooperação entre os protestantes latinos pela evangelização da América Latina, em especial no Brasil que gerou o sonho de unificação de todas as denominações protestantes brasileiras que foi alimentado por diversos pensadores e autores chamado “Unionismo”. Apesar do unionismo nunca ter se concretizado, criou um importante espírito de cooperação entre as denominações. Nesse período também se manifestou em praticamente todas as denominações no Brasil a tensão crescente entre “modernistas e conservadores”, que era basicamente uma replicação da tensão entre liberais e neo-ortodoxos na Europa e liberais e fundamentalistas nos EUA. Havia debates acalorados sobre a teologia, a posição a respeito do catolicismo e da ação social.

Gouvêa afirma que a década entre 1952 e 1962 foi um período curto mais muito importante para o protestantismo brasileiro devido ao fato de que neste período ficou patente que as igrejas brasileiras haviam conseguido uma grande autonomia administrativa e financeira no final do período de nacionalismo, mas ainda não havia alcançado uma autonomia de pensamento, de linguagem e expressão a ponto de ter um rosto genuinamente brasileiro. Esta década marcou o desafio da igreja brasileira se envolver na vida social e política da nação. Este período também foi marcado pela chegada ao Brasil de forma bastante tardia as primeiras traduções dos teólogos liberais europeus do final do séc. XIX e dos escritos de Karl Barth, Emil Brunner e Dietrich Bonhoeffer. Essa nova literatura fazia crescer o sentimento de que a igreja brasileira devia e podia responder a altura dos desafios do final da Era Vargas e o início da Ditadura Militar (1964-1985).

O período de 1962 a 1983 foi marcado por uma grandíssima tensão dentro e fora da igreja marcada por uma divisão: aqueles que criam que a igreja deveria se mobilizar contra o Estado Novo, a favor dos pobres e dos oprimidos, e aqueles que viam nessas posições resquícios de liberalismo e de comunismo. O marco inicial desse período foi a Conferência intitulada “Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro” realizada em 1962 em Recife. Contudo, o embate entre o conservadorismo e o “modernismo” começou a dar sinais de um desfecho quando em 1968 dois seminários presbiterianos e um metodista foram fechados e seus alunos expulsos. Ministros de tendências modernistas foram postos de lado ou convidados a se retirar de várias denominações. Ao final do séc. XX, a igreja brasileira voltou a um estado de isolamento entre as denominações, pouca relevância social e explosão de vertentes como o neo-pentecostalismo.

⁷ FERREIRA, Franklin. *A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p.290

⁸ FERREIRA, Franklin. *A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p.301

⁹ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *Revista Usp*, 2005, 67: 48-67.